

MINHA VIDA NÃO FAZ SENTIDO



LARA ZAPATA DAU BOK



SUMÁRIO:

O começo de tudo...	3
Me acostumando com o mundo...	5
Desenhando meu futuro...	8
Será que tudo se repete?..	11

O começo de tudo...

Meu nome é Mavie Arizona Grey's Sloan Heda. Isso, exatamente igual ao deserto.

Nasci em Nova York, Estados Unidos. Minha família inteira é brasileira. Mas hoje vamos falar sobre a minha vida.

Então, minha mãe se chama Lexa, e a minha outra mãe se chama Clark. O nome do meu pai é Mark e da esposa do meu pai é Lexi.

Meus pais são completamente diferentes um do outro. Meu pai e minha madrasta são cirurgiões e a minha mãe e a minha outra mãe são empresárias.

Minhas mães tem uma empresa chamada Luna. Meu pai e minha madrasta trabalham no Hospital Memorial Grey's Sloan, exatamente igual meu nome.

E agora, sim, vamos começar o “minha vida não faz sentido”.

Vamos começar do começo...Era 25 de novembro de 2000, eu nasci no Hospital Memorial Grey's Sloan, às duas da madrugada.

Meu pai estava em casa montando o meu berço e minhas mães estavam no hospital. Caso você esteja se perguntando quem foi que engravidou de mim, foi minha mãe Lexa que engravidou do meu pai. Que bagunça! Mas agora não é hora disso.

Meu pai tomou um susto quando minha mãe ligou para ele. Depois do telefonema, ele correu para o hospital parecendo um relâmpago junto com a minha madrasta.

Ah! E só para esclarecer uma coisa, eu chamo minha mãe Lexa de “mãe”, a minha mãe Clark de “mamãe” e a esposa do meu pai de “mamy”.

A primeira vez que eu fui para casa dos meus pais, contam que eu estranhei muito e não deixei ninguém dormir durante um bom tempo.

Só para lembrar, morávamos todos juntos. Nós 5. Um detalhe importante é que minha mamy e meu pai também me amamentavam. Me davam o leite materno da minha mãe na mamadeira. Acabou que meus pais começaram a realizar um rodízio: um dia eu ficava com o meu pai e minha mamy, para a minha mãe e mamãe pudessem trabalhar e, no outro dia, eu ficava com a minha mãe e minha mamãe. Foi assim até eu completar um ano de idade.

Quando cresci mais um pouco, minha mãe conta que eu cheguei a derrubar um prato de comida em cima de mim, de propósito e que, depois, eu ficava perguntando onde estava o prato de comida. Acho que já deu para perceber que eu era bem espoleta mesmo.

No dia em que eu completei dois anos, minha mamãe teve uma folga do trabalho e ficou comigo.

Neste dia eu comecei a falar. Ela foi me ensinando as coisas, a ler e a escrever. Eu sei que você está achando muito cedo para me ensinar, mas minha mamãe estava certa sobre isso!

Minha mãe conta que eu não podia ir à escola. Por incrível que pareça, eu nasci com dois dons: o primeiro dom era que eu poderia curar, e o segundo dom é que quando eu fico brava, meus olhos ficam vermelhos e eu destruo qualquer coisa. Meus pais tinham muito medo de eu ir à escola e machucar alguém, então sempre fui ensinada em casa.

Aprendi a ler e escrever com 2 anos de idade, porque os meus pais precisavam voltar a trabalhar.

Então, acabou que o revezamento de um dia e uma noite com cada um, passou a ser um rodízio de mês em mês. Assim, passava um mês com meu pai e minha mamãe e no mês seguinte, com minha mãe e papai. Nesta época, como eu já sabia escrever, meus pais começaram a ensinar tudo que eu precisava.

Aos 10 anos de idade, eu já lidava com matérias do ensino médio. Meus pais eram muito rigorosos. Estudava cerca de 12 horas por dia, mas também não tinha outra coisa para fazer, então, acabei me apaixonando pelos livros, cadernos e coisas do tipo.

Devido ao trabalho da minha família, era bem privilegiada, mas não gosto de me gabar disso, pois não quero ser a menina que pode ter tudo na hora que quer. Então, separo a minha vida da realidade da maioria das pessoas.

Meu quarto era bem grande e tinha uma prateleira inteira de livros. Todos os dias, recebia um livro novo. Até pareço mimada, mas não sou.

Me acostumando com o mundo.

Fonte: https://aminoapps.com/c/s3ri3s/page/blog/curiosidades-serpentes-riverdale/eQWa_dnh3uPNxJdEDGWYGI0ebdV2ZJj1r



Fui pela primeira vez à escola com 11 anos.

Estava no quinto ano e entrei para uma gangue da cidade, chamada Serpentes do Sul.

Minha família nunca, nunca me deixariam participar da gangue, então, teve um dia em que entrei e não falei nada.

Estava sempre com a jaqueta da gangue e só tirava nos lugares em que os meus pais estavam.

Fiz uma tatuagem no braço, mas como já estava acostumada a usar manga comprida todos os dias, não foi difícil escondê-la.

Você deve estar se perguntando “Nossa uma menina de 11 anos com tatuagem?”. Na verdade, fiz uma tatuagem especial. Esta tatuagem ficava um bom tempo na pele, mas quando eu fosse mais velha podia pegar os traços da tatuagem e fazer uma de verdade, definitiva.

Teve um dia, que sem mais nem menos, meus pais me mandaram usar uma regata. Eu nunca entendi o porquê. Na verdade, foi o Ballyweek, nosso mordomo, quem mandou. Não tive escolha, coloquei a regata e quase me mataram por causa da tatuagem.

Todos os dias, minha tia Otávia, minha tia Echo, meu tio Bellamy e meu tio Lincoln me viam com a galera do Serpentes do Sul no parque, porque também participavam da gangue. Eles já sabiam que eu fazia parte do grupo, mas se fizeram de desentendidos. Mas, quando os meus outros tios Amélia, Meg, Meredith, Derek, Link e Pac descobriram ficaram muito bravos. Quase me mataram. Falaram que eu não podia, porque não podia e tal coisa. Coisas de família.

Meus avós, por parte de pai, são muitos famosos. Eles são cirurgiões importantes e pessoas de todo o mundo vem pra cidade para assisti-los nas cirurgias. Meu avô já até tem um prêmio em homenagem a ele. Chama-se Prêmio Silvio Bock. Por parte das minhas mães, minhas avós são minhas melhores amigas e são, também, grandes empresárias. Elas compram quase tudo que veem pela frente. Acho que sou mimada...

O quinto ano na escola foi bem assustador. Muita gente ficava falando de mim por causa da minha família, por ter quatro pais, por me acharem mimada, riquinha filhinha de papai e tal.

Foi no sexto ano da escola que fiz as minhas melhores amigas, a Valentina e Alice. Meus pais não gostavam de contar sobre os meus dons. Por isso, elas não sabiam. Mas um dia, uma amiga se machucou. Eu a levei para um lugar que não tinha ninguém, consegui fazer com que ela adormecesse e a curei com o meu dom. Acho que não tinham câmeras de segurança. Se tivessem, meus pais me matariam.

Em outro dia, o diretor convidou toda a minha família, principalmente os famosos, para fazerem uma palestra na escola.

Eu quase morri de vergonha! Meus amigos ficaram olhando para mim durante uma semana com aquela cara de "nossa, como sua família é maravilhosa". Nesta época, eu quase usei os meus poderes de destruição porque muitas pessoas queriam se aproveitar de mim. Como eu era rica, muitos queriam visitar minha casa. Mas sim, meu amigo, eu já tinha aprendido a ignorar, ignorar, ignorar.

Então, passou o sétimo ano, o oitavo ano, e enfim o nono e último ano da escola que eu estava. Como era o fim do Ensino Fundamental, fizemos uma grande viagem para Fortaleza. Várias festas, meninos, festas do pijama.... Voltei para casa parecendo que vivia em outro mundo.

Quando fiz outra tatuagem, mas desta vez de rena, meus pais quase me mataram, de novo.

Eles queriam minha pele impecável e que meu cabelo fosse perfeito; mas, como já deu para perceber, eu não era mais a filhinha do papai nem a filhinha da mamãe.

Nesta época, meu pai e minha mamãe me mandaram ver vídeos de cirurgias. Via todos os dias antes e depois de ir para a escola.

Eu já era considerada a mais inteligente da sala. Mesmo assim, o ensino médio foi bem difícil e estressante. Já tinha aulas de ciência particulares, em casa.

As pessoas julgam muito as outras. Eu já me dei muito mal quando algumas pessoas começaram a se aproximar de mim, mas não porque gostavam de mim. Eu fiquei bem assustada. A partir disso, passei a ser muito desconfiada com todo mundo. Achava que todo mundo queria apenas se aproveitar, mas não são todas as pessoas que são assim.

Desenhando meu futuro.

O terceiro ano do ensino médio também foi difícil.

A gente ainda morava no Brasil e todos os meus amigos iriam fazer inscrições em faculdades brasileiras. Eu, como sempre falava, iria tentar uma faculdade nos Estados Unidos. Queriam que eu tentasse as principais universidades norte americanas como *Harvard*, *Stanford* e *Columbia*. Eu fui aceita em todas, mas escolhi *Harvard*.

Meus pais foram morar em São Francisco e eu em Cambridge. Morava em uma casa grande, com as minhas amigas atuais, Cheryl e Maia, que cursavam medicina comigo.

Cédito: Harvard University/iStock

Fonte: <https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/saiba-como-se-candidatar-a-harvard-mais-de-uma-vez/>



No começo, minhas mães não gostaram da minha escolha pela medicina.

Falaram que eu tinha que ter uma profissão que eu mesma escolhesse e não apenas repetir a mesma profissão do meu pai. Tivemos uma grande discussão sobre isto, mesmo eu repetindo que minha escolha não tinha a ver com o meu pai. Mas acabou que eles entenderam o meu lado, falando que eu tinha que seguir o que quisesse.

Depois de muita briga consegui convencer meus pais a irem morar em outro estado e não em Massachusetts, onde era a faculdade.

Admito que me afastei bastante das pessoas porque queria só me concentrar na faculdade. Não tinha namorado, nem saía com amigos. Enquanto todas as minhas amigas estavam em festas e namorando, eu estava em casa estudando, estudando, estudando...

Comecei a sofrer *bullying* na faculdade, por conta da minha família ser diferente das demais, e por causa de eu ser brasileira; apesar de ter nascido nos EUA. Meus pais contrataram um professor particular para ver se me ajudava e assim, não precisaria ficar tanto tempo na faculdade. Deu certo. Consegui terminar o curso bem.

Só que meus tios e meu pai começaram a me perseguir querendo saber qual especialização eu iria escolher. Ser cirurgiã era a minha primeira opção. Mas a professora falou que a seleção seria bem competitiva, pois tinham 74 pessoas disputando vaga.

A maioria dos médicos da minha família são cirurgiões. Eu gostaria de fazer cirurgia geral, mas acabei optando pela cirurgia de trauma. A principal diferença é que em traumas operamos em emergências. Meus tios acabaram ficando um pouco decepcionados comigo, porque não tinha ninguém na família nesta especialidade. Temos neurocirurgiões, cirurgiões ortopédicos, cirurgiões cardiotorácicos e cirurgiões gerais. Mas depois se acostumaram com a ideia e consegui mostrar como era importante esta área.

Fonte: <https://caianomundo.ci.com.br/seattle-a-cidade-que-respira-musica/>



Meus pais me aconselharam a me mudar para Nova York para trabalhar. Vou falar a verdade, no início não gostei muito da ideia, então, primeiro fui para Seattle, e trabalhei no Hospital Seattle Grace.

Enquanto estava por lá, meus colegas queriam sempre operar e ficar comigo, pois sabiam que eu era aquela espertalhona do grupo, além de ser filha de famosos e essas coisas que já falei.



Depois acabei me mudando para Nova York.

Meu pai, minha mamãe e minhas mães me deram meu próprio apartamento.

Fiquei feliz, mas triste com os comentários que ouvia. Muitos falavam que eu deveria conseguir sozinha. Eu não pedi, mas estava mudando muito de apartamento e acho que eles devem ter me ouvido reclamar.

Bem nesta época, comecei a namorar. Meu namorado se chamava Matias e também era da gangue dos Serpentes. Tinha recentemente mudado para os EUA. Ele estava estudando para ser detetive e aqui tem vários cursos sobre isto. Meus pais não gostaram muito dele, no começo, mas depois que o conheceram melhorou, passaram a gostar muito do nosso relacionamento.

Minha família resolveu que eu deveria ter um carro. Mesmo falando que não precisava de um carro em NY, não adiantou, pois eles me deram uma Lamborghini. Tivemos uma longa conversa sobre ser independente. Mas, como sempre, acabei aceitando e comecei a ser chamada, de novo, de filhinha de papai.

A coisa que mais me chateia nesta história é a de que falaram que tudo que eu tenho na vida, foi por causa dos meus pais. Ninguém percebia o meu esforço. Claro que meus pais me davam muitas coisas, mas eu tinha que me esforçar muito para corresponder às vontades deles e as minhas.



Será que tudo se repete?

Depois de dois longos anos de trabalho, tirei férias e fui visitar meus avós no Brasil. Foi muito legal conhecer meus primos, que eu não tinha conhecido e ainda poder rever todo mundo que eu queria.

É engraçado, alguns amigos até pediram para ir comigo para NY na mala! Foi ótimo poder me divertir e pensar em outra coisa, pois minha maior preocupação era que eu tinha terminado com o Matias e comecei a namorar a Cheryl. Que fique claro que não tinha problema em namorar uma menina.

Minha questão é que estou grávida do Matias. E não sei o que fazer. Parece que a história se repete, igual a minha mãe que ficou grávida do meu pai e casou com a minha mamãe. Coisa bem doida!

Eu não contei, ainda, para os meus pais. Mas, comecei a gostar da ideia de ter um filho, apesar de tudo isso me amedrontar.

Minha profissão é muito importante para mim. Não quero que as pessoas parem de identificar em mim uma excelente cirurgiã, só porque tem uma criança dentro de mim.

Falei com os meus pais. No começo da conversa eles ficaram meio angustiados, mais depois ficaram super felizes. Por conta da gravidez, tentei ficar o mais longe possível de todo mundo. Menos dos meus pais e da Cheryl, claro.

Durante os 9 longos meses, minha única grande diversão foi montar o quarto novo. E quando finalmente chegou o dia, os gêmeos nasceram, ou melhor, as gêmeas. São 2 meninas chamadas Noá e Zoe. Elas são ruivinhas e com os olhos amarelos bem forte. Isso mesmo a-m-a-r-e-l-o.

A Cheryl e eu estranhamos muito a nova rotina depois que as gêmeas nasceram, pois nós duas só queríamos voltar a operar.

Depois de muitas conversas, conseguimos o apoio dos meus pais para cuidar das meninas. Eles se aposentaram. Quer dizer, menos o meu pai. Assim, todos os dias antes de irmos trabalhar, deixávamos elas na casa dos meus pais.

As meninas nasceram com poderes também, só que muito mais perigosos do que os meus. Assim, também nos desdobramos para dar aulas para elas em casa, igual eu tive. Achamos melhor. A única diferença entre os poderes delas e o meu era que os poderes delas estavam sempre “ligados”, posso dizer assim. Elas ainda não conseguiam nem controlar os poderes nem deixar os olhos de outra cor.

Espero que minhas meninas tenham uma infância, adolescência e juventude tão boa quanto a minha. Este diário vai ficar para elas.

Então meninas, quando vocês lerem esse texto, eu quero que vocês saibam que as mães amam vocês!